

AS FORMAS “NÓS” E “A GENTE” NAS CARTAS PESSOAIS DA AMOSTRA FAMÍLIA ARTHUR REIS

“NÓS” AND “A GENTE” IN THE PERSONAL LETTERS SAMPLED ON THE ARTHUR REIS FAMILY

Flávia Santos Martins | [Lattes](#) | flaviasantos@ufam.edu.br
Universidade Federal do Amazonas

Edson Galvão Maia | [Lattes](#) | edson.galvao@ifam.edu.br
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas

José Fabrício Affonso Ferreira Júnior | [Lattes](#) | affonsofabricio@gmail.com
PPGL-Universidade Federal de Santa Catarina

Romário Neves Coelho | [Lattes](#) | romarioneves16@hotmail.com
Universidade Federal do Amazonas

Resumo: Este artigo tem como objetivo descrever as formas *nós* e *a gente* na função de sujeito em cartas pessoais da família do amazonense Arthur Reis, escritas entre 1940 e 1980. Como embasamento teórico-metodológico, utilizamos a Sociolinguística Histórica (Conde Silvestre, 2007) a qual se ancora na Teoria da Variação e Mudança (WLH, 2006 [1968], Labov, 1994). Para a realização deste estudo, selecionamos 127 cartas que foram transcritas e editadas pela equipe do projeto intitulado PHPB/AM. Dessas cartas, em 83 havia dados da expressão de pronomes P4, expressos e nulos, totalizando 283 ocorrências, sendo 260 (91,9%) da forma *nós* e 23 (8,1%) da forma *a gente*. Essa variação é encontrada, particularmente, nas cartas de duas missivistas, Iria e Alésia, a partir da década de 1940. A nossa principal hipótese, a de que os contextos linguísticos que mais atuam sobre o uso de *a gente* é o *tipo de referente* e o *preenchimento do sujeito*, foi confirmada, pois o uso de *a gente* na escrita dessas duas remetentes é favorecido, linguisticamente, pelo *sujeito expresso*, pelo *traço [-determinado]* e pelo *tempo presente*.

Palavras-chave: Variação e mudança. Cartas pessoais. P4. Arthur Reis. PHPB/AM.

Abstract: The aim of this article is to describe the forms *nós* and *a gente* in the func-

tion of subject in personal letters from the family of Arthur Reis, from Amazonas, written between 1940 and 1980. As a theoretical-methodological basis, we used Historical Sociolinguistics (Conde Silvestre, 2007), which is anchored in the Theory of Variation and Change (WLH, 2006 [1968], Labov, 1994). For this study, we selected 127 letters which were transcribed and edited by the PHPB/AM project team. From these letters, 83 had data on the expression of P4 pronouns, expressed and null, totaling 283 occurrences, of which 260 (91.9%) were in the form *nós* and 23 (8.1%) in the form *a gente*. This variation is found particularly in the letters of two missivists, Iria and Alésia, from the 1940s onwards. Our main hypothesis is that the linguistic contexts, which most affect the use of *a gente*, are the type of reference and the completion of the subject, it was confirmed, as the use of *a gente* in the writing of these two senders is favored linguistically by the expressed subject, the [-determined] trait and the present tense.

Keywords: Variation and change. Personal letters. P4. Arthur Reis. PHPB/AM.

1 Introdução

Sob a perspectiva da Sociolinguística Histórica (cf. Romaine, 1982; Conde Silvestre, 2007), o presente artigo objetiva investigar as formas *nós* e *a gente* como variantes da 1ª pessoa do plural (doravante P4), na função de sujeito, no Português Brasileiro (PB) em documentos escritos no estado do Amazonas, no século XX. Essa abordagem está amparada nos pressupostos gerais da Teoria da Variação e Mudança (cf. Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1968]), tais como: i) a variação é inerente ao sistema linguístico; ii) a heterogeneidade é ordenada, ou seja, há condicionadores linguísticos e extralinguísticos atuando sobre a variação e a mudança; iii) toda mudança é resultado de variação linguística; iv) a mudança não é abrupta; v) a variação e a mudança são encaixadas; vi) os métodos quantitativos auxiliam na explicação da variação e da mudança linguísticas.

Pesquisas realizadas a partir de dados de fala e escrita sobre o referido fenômeno têm registrado a implementação da forma *a gente* como pronome, num processo de gramaticalização¹, de acordo com Naro; Görski; Fernandes (1983); Omena (1996); Albán *et al.* (1986); Fernandes; Gorski (1986); Freitas; Albán (1991); Monteiro (1991); Lopes (1998, 2003, 2004); Omena (2003); Santos (2015); Araújo (2016); Vitória (2015); Scherre; Naro; Yacovenco (2018); Freire (2019); Araújo (2023), dentre outros. A expressão *a gente* tem sua origem no substantivo *gente*. Essa forma, enquanto expressão

¹ Segundo Cunha, Oliveira e Martelotta (2015), “a gramaticalização *stricto sensu* se ocupa da mudança que atinge as formas que migram do léxico para a gramática” (p. 43).

nominal, flexionava-se no feminino, podia ser determinada (*Aquela gente, Essa gente esperta*) e tem um caráter indeterminador e coletivo, além de concordar com o verbo na 3ª pessoa do singular (P3). À medida que essa forma lexical vai se gramaticalizando, ela assume algumas propriedades gramaticais, no caso de pronome: não ser determinado no sintagma nominal (*A gente saiu*), correlacionar-se a adjetivos femininos e masculinos em estruturas predicativas (*A gente está bonita/bonito*) e se referir semanticamente à P4 (*A gente foi ao supermercado*), porém, ao mesmo tempo, mantendo alguns traços nominais, conforme observaremos na seção 2.

Esses trabalhos têm mostrado, dessa forma, a concorrência entre as formas *nós* e *a gente* como pronomes para se referir à P4, evidenciando, sobretudo, que o aumento do uso de *a gente* no PB se deve, principalmente, ao tipo de referente (+/- determinado). Os resultados mostram que *a gente* é favorecido em contextos de indeterminação (*eu + eles / eu + todos*), um traço que é característico da forma de origem *gente*.

No Amazonas, até o momento, encontramos somente uma pesquisa, realizada no município de Benjamin Constant, sobre o fenômeno em foco, e apenas a partir de dados de fala (Reis, 2021). Portanto, não temos uma descrição ampla sobre a variação *nós* e *a gente* no Português falado na região e, muito menos, sobre o Português escrito, o que evidencia o ineditismo desta pesquisa. Com esse objetivo, tomamos como objeto de análise 127 cartas da amostra Família Arthur Reis, datadas entre os anos 1940 e 1980 e organizadas pelo projeto Para a História do Português do Amazonas (PHPB/AM).

Para essa investigação, buscamos, então, responder às seguintes questões:

- i) Há variação no uso de *nós* e *a gente* na escrita registrada no Amazonas?
- ii) Quais variáveis linguísticas e extralinguísticas estariam atuando no uso da forma inovadora *a gente* na escrita de missivistas manauaras de diferentes gerações?

Esperamos encontrar *a gente* como pronome nas cartas analisadas, tendo em vista que essa forma já é registrada na escrita do PB, desde o final do século XIX (Lopes, 2003; Souza, 2015; Borges, 2019; Monguilhott *et al.*, 2021), assim como, através da observação do tempo real, esperamos que essa forma seja mais produtiva a partir da década de 1970 (Lopes, 2004). Além disso, nossa principal hipótese é a de que os condicionadores que mais atuam sobre o uso de *a gente* é o *tipo de referente* (-determinado) e o *preenchimento do sujeito*.

Este artigo está organizado, além desta introdução, em mais cinco seções: na seção 2, discutimos a gramaticalização de *a gente* no PB; na seção 3, trazemos os resultados de trabalhos a respeito do uso *nós* e *a gente* na escrita do PB, com o objetivo de contextualizar

o Português escrito do Amazonas no Brasil; na seção 4, apresentamos os procedimentos metodológicos; na seção 5, descrevemos a análise do uso de *nós* e *a gente* em cartas pessoais da Amostra Família Arthur Reis. Por fim, na última seção, fazemos as considerações finais.

2 Gramaticalização de *a gente* no PB

Segundo Lopes (2004), a partir do século XIX já se começa a observar a inserção da forma *a gente* como uma das variantes que concorrem à expressão de P4. Considerando o tempo de longa duração, do século XIII ao XX, a referida pesquisadora discute o processo de gramaticalização dessa forma pronominal desde sua origem nominal (*gente* > *a gente*), conforme observamos a seguir.

Lopes (2004), ao discutir a conceituação de gramaticalização, ancorando-se nas reflexões de Lehmann (1982), Hopper (1991) e Hopper e Traugott (1993), assume, como características desse processo, não apenas a assimilação de traços da categoria nova, mas, também, a manutenção de alguns traços da forma anterior. É o que ocorre com o pronome *a gente*, que, mesmo admitindo características de pronome, conserva propriedades do nome *gente*. Para explicar esse processo, a autora adota os traços morfossemânticos de *gênero*, *número* e *pessoa*, a partir da abordagem proposta por Rooryck (1994).

Quanto ao *gênero*, formalmente, o nome *gente* tinha o traço [+fem] e, semanticamente, não havia valor de *gênero* (tinha um significado neutro). Ao passar para pronome, há uma perda de traço formal (não há *gênero* formal como os outros pronomes legítimos) e há um ganho de subespecificação semântico-discursiva (passa a admitir uma referência tanto a homens quanto a mulheres, a depender do adjetivo com o qual concorda). No Quadro 1, ilustramos essa alteração nos traços de *gênero*:

Quadro 1 – Exemplos da alteração dos traços de *gênero* no processo de gramaticalização de *gente* > *a gente*

Categoria	Exemplos de Lopes (2004)	Traço formal	Traço semântico
Nome	Todas as gentes da aldeia ficaram arrasadas.	[+fem]	Neutro
Pronome	Toda a gente da aldeia ficou <i>arrasada/arrasado</i> .	Neutro	[+/-Fem]

Fonte: autoria própria com base em Lopes (2004)

No que diz respeito ao *número*, formalmente, o nome *gente* permitia a marcação positiva ou negativa e, semanticamente, se referia ao plural. Como pronome *a gente*, houve

uma perda da subespecificação formal, passando a ser usado somente no singular [-pl] e mantendo o traço semântico de pluralidade [+pl]. No Quadro 2, exemplificamos essa alteração.

Quadro 2 – Exemplos da alteração dos traços de número no processo de gramaticalização de gente > a gente

Categoria	Exemplos de Lopes (2004)	Traço formal	Traço semântico
Nome	Quen viu o mundo qual o eu já vi, e viu as gentes que eran enton...” (Séc. XIII, CA, Vasconcelos 1990)	[+/-pl]	[+pl]
Pronome	“e aque a gente vem a doo de Rachel” (Séc. XIII, CSM, Mettmann, 1972)	[-pl]	[+pl]

Fonte: autoria própria com base em Lopes (2004)

No que tange ao traço de *peessoa*, o nome *gente* tanto no aspecto formal quanto no semântico tem um valor neutro (P3/não-pessoa). Ao mudar para a categoria pronome, *a gente* mantém o valor formal neutro (P3/não-pessoa), porém ganha, semanticamente, o traço de primeira pessoa [+eu] (o eu ampliado). No Quadro 3, mostramos esse processo de alteração no referido traço.

Quadro 3 – Exemplos da alteração dos traços de pessoa no processo de gramaticalização de “gente” > “a gente”

Categoria	Exemplos de Lopes (2004)	Traço formal	Traço semântico
Nome	a gente da terra perdem suas casas. (Séc. XV, Livro da Cartuxa, Dias 1982).	Neutro (P3/não-pessoa)	Neutro (P3/não pessoa)
Pronome	a gente vai mudar as nossas coisas para o terreno. (Séc. XX, Mendes 1981:118).	Neutro (P3/não-pessoa)	[+eu] (P4/eu ampliado)

Fonte: autoria própria com base em Lopes (2004)

Vale ressaltar que, para identificar a referência à *peessoa*, Lopes (2004) adota critérios formais, a saber o processo de co-indexação pronominal (na fala culta), além da concordância com a P4 (na fala não-padrão). Para o nome *gente* na fala culta, a co-indexação com as formas *seu/dela* indicam a P3 e para o pronome *a gente* a co-indexação com *nosso(s)/nossa(s)/da gente* para identificar a P4.

Lopes (2004), ao analisar diferentes estágios da língua, observa que *gente* aparece atuando somente como nome entre os séculos XIII e XVIII. Ela identifica que é a partir

do século XIX que há o início da pronominalização dessa forma. Nesse processo de implementação de *a gente* como pronome, como observamos, há manutenção de traços da categoria *nome* (no *número*, formalmente, a concordância com o verbo na P3 e, semanticamente, o caráter indeterminador e coletivo) e há a adoção de propriedades de pronomes legítimos (no *gênero*, passa a se correlacionar a adjetivos no masculino ou feminino em estruturas predicativas e perda da característica de determinação).

Na seção, a seguir, observamos, com mais detalhes, a implementação da forma *a gente* como pronome em trabalhos de dados escritos do PB, sincrônicos e diacrônicos.

3 Estudos sobre as formas *nós* e *a gente* no PB

No Brasil, inúmeros trabalhos têm sido realizados, principalmente em relação à fala, a fim de compreender quais variáveis condicionam o uso das formas de P4 na função de sujeito. Nesta seção, apresentamos algumas pesquisas sobre o referido fenômeno na escrita do PB, separadas por regiões. No Quadro 4, observamos as pesquisas sobre *nós* e *a gente* no Nordeste.

Quadro 4 – Variação *nós* e *a gente* em textos escritos na região Nordeste do Brasil

Região Nordeste				
Pesquisas	Vitório (2015)	Santos (2015)	Freire (2019)	Araújo (2023)
Localidade	Maceió - Alagoas	Zona rural de Itaibó, distrito de Jequié - Bahia	Montanhas e Pedro Velho - Rio Grande do Norte	Fortaleza - Ceará
Período	Década de 2000 Ano de 2007 (século XXI)	Década de 2000 Ano de 2014 (século XXI)	Década de 2000 Ano de 2017 (século XXI)	Década de 2000 Ano de 2022 (século XXI)
Corpus	120 textos do gênero relato pessoal escritos por alunos do EF ² e EM ³ em uma escola da rede pública.	28 textos do gênero relato pessoal escritos por alunos do EF II (6º, 7º, 8º e 9º anos) de uma escola pública na zona rural.	155 textos do gênero relato pessoal escritos por alunos do EF II de duas escolas públicas (estadual e municipal) localizadas na zona urbana.	360 redações escritas por alunos do EM de uma escola pública de ensino integral.

² Para EF, leia-se: Ensino Fundamental.

³ Para EM, leia-se: Ensino Médio.

Resultados Gerais	Das 242 realizações, 208 dados (86%) são da variante <i>nós</i> e 34 (14%) são da variante <i>a gente</i> na função sujeito.	De 106 ocorrências, 78 referem-se à variante <i>nós</i> (73,58%) e 28 à variante <i>a gente</i> (26,42) na função de sujeito.	De 682 ocorrências, 591 referem-se à variante <i>nós</i> (86,80%) e à variante <i>a gente</i> (13,30%) na função sujeito.	De 1265 ocorrências, 1131 referem-se à variante <i>nós</i> (98,4%) e 134 à variante <i>a gente</i> (10,6%) na função sujeito.
Variáveis Linguísticas	<p>Paralelismo formal: A <i>gente</i> é favorecido nas seguintes situações: uso isolado, primeiro da série e quando antecedido por ele mesmo.</p> <p>Marca morfêmica do verbo: A <i>gente</i> ocorreu com a desinência {-mos} e com verbos no singular.</p> <p>Preenchimento do sujeito: A <i>gente</i> é mais frequente quando há a realização do sujeito pronominal.</p>	<p>Preenchimento do sujeito: A <i>gente</i> teve poucas ocorrências com sujeito preenchido.</p> <p>Grafia do pronome <i>a gente</i> (25%) <i>agente</i> (71,4%) <i>ajente</i> (3,6)</p>	Concordância Verbal: A <i>gente</i> é mais frequente com verbos no singular.	<p>Grau de referência do pronome: A <i>gente</i> é favorecido quando seu uso é genérico.</p> <p>Paralelismo Discursivo: A <i>gente</i> é favorecido quando antecedido por ele mesmo.</p> <p>Preenchimento do Sujeito: A <i>gente</i> é favorecido quando o sujeito é lexicalizado.</p>
Variáveis Externas	<p>Escolaridade: O EF tende a usar mais a forma <i>a gente</i>.</p> <p>Sexo/gênero: As meninas utilizam mais a variante <i>a gente</i></p> <p>Tema da produção textual: A <i>gente</i> foi mais frequente em gêneros pessoais narrativos.</p>	<p>Escolaridade: A <i>gente</i> é mais utilizado entre os alunos dos 6º, 7º e 8º anos do EF, diminuindo à proporção que a escolarização aumenta.</p>	---	---

Fonte: autoria própria

Como podemos observar no Quadro 4, os estudos da região Nordeste já registram o uso da variante *a gente* em textos escritos por alunos tanto do EF quanto do EM (em sua maioria, no gênero relato pessoal), embora com uma frequência não muito alta (em torno de 26%, no máximo). Ainda, nos trabalhos de Vitório (2015) e Araújo (2023), verificamos que um dos condicionadores linguísticos que atuam sobre referida variante é o *preenchimento do sujeito*: *a gente* é favorecido quando o sujeito é preenchido. As pesquisas de Vitório (2015) e Freire (2019) atestam o favorecimento considerável da forma inovadora *a gente* com verbos no singular, embora exista a ocorrência da variante com a desinência {-mos}. Em relação ao *paralelismo*, Vitório (2015) e Araújo (2023) mostram que, quando a variante *a gente* é usada na primeira posição, tende a se repetir nas sentenças posteriores. Quanto ao *tipo de referência*, apenas Araújo (2023) registrou o favorecimento de *a gente* com uso genérico. Por fim, os resultados de Santos (2015) revelaram também maior uso da forma inovadora quando o sujeito é lexicalizado e expresso pelas grafias *a gente/agente/ajente*.

Finalmente, quanto aos condicionadores extralinguísticos, apenas Vitório (2015) e Santos (2015) fizeram esse controle. Os resultados desses trabalhos mostraram que a variante *a gente* é favorecida pelo sexo/gênero feminino e pelos menos escolarizados. No Quadro 5, observamos os resultados de pesquisas na região Centro-Oeste.

Quadro 5 – Variação nós e a gente em textos escritos na região Centro-Oeste do Brasil

Região Centro-Oeste	
Autor e Ano	Ribeiro e Vieira (2019)
Localidade	Cidade de Goiás - Goiás
Período	Décadas de 1830/37/78/80/85/86/90 (século XIX) e Décadas de 1907/27/32/34/40/55 (século XX)
Corpus	Arquivos da Fundação Cultural Frei Simão Dorvi. Museu dos Bandeirantes, jornais e periódicos antigos, arquivos da cidade de Goiás e Hemeroteca Digital.
Resultados Gerais	O uso da variante <i>nós</i> é frequente nos gêneros mais formais, já a variante <i>a gente</i> como forma pronominal alternativa de <i>nós</i> deu-se pelos anos 1800, a partir do surgimento dos jornais na cidade em textos poéticos, crônicas relatos e cartas de leitores.
Variáveis Linguísticas	<p>Posição de sujeito</p> <p>A variante <i>a gente</i> foi favorecida na posição de sujeito nos textos antigos desde o início da imprensa em 1830.</p> <p>Referência genérica</p> <p>A variante <i>a gente</i> foi favorecida com referente genérico com quatro ocorrências nos <i>corpora</i>.</p>
Variáveis Externas	Não controlados.

Fonte: autoria própria

Na região Centro-Oeste, os resultados qualitativos do estudo de Ribeiro e Vieira (2019) indicam que a variante *nós* é mais comum em contextos formais, como era de se esperar; já a variante inovadora *a gente* apareceu discretamente em textos poéticos, crônicas e cartas de leitores a partir dos anos 1830. Das poucas ocorrências encontradas, destaca-se favorecimento na *posição de sujeito* e com *referência genérica*, com registro de quatro ocorrências. No Quadro 6, elucidamos alguns resultados de pesquisas na região Sudeste.

Quadro 6 – Variação nós e a gente em textos escritos na região Sudeste do Brasil

Região Sudeste		
Autor e Ano	Vianna (2006)	Souza (2015)
Localidade	Rio de Janeiro - Rio de Janeiro	Rio de Janeiro - Rio de Janeiro
Período	Década de 1980 e década de 2000 (Séculos XX e XXI).	Década de 1930 - (Século XX).
Corpus	<p>Oralidade: 21 inquéritos das amostras do projeto Censo/Peul-RJ, década de 1980.</p> <p>Escrita: 39 textos de estudantes de 1º e 2º graus, nos anos 2000, escritos por homens e mulheres com faixa etária entre 15-25, 26-49 e + de 50 anos.</p> <p>Amostra complementar: 104 testes de avaliação subjetiva, aplicados no ano de 2005 em duas escolas estaduais a homens e mulheres com faixa etária entre 15-25, 26-49, mais de 50 anos no EF e no EM.</p>	97 cartas pessoais.
Resultados Gerais	A variante <i>a gente</i> apareceu nas três décadas analisadas, a saber de 1980 a 2000.	<p>Obteve-se 159 dados de P4. Houve um predomínio da variante <i>nós</i> (152 dados, 95,5%).</p> <p>A variante <i>a gente</i>, apesar de preterida, já se encontra presente na escrita do PB na década de 1930 (século XX).</p>
Variáveis Linguísticas	<p>Concordância Verbal: (<i>a gente</i>+P3): 79% (PR. 0,92) (<i>a gente</i>+P4): 9% (PR. 0,22)</p> <p>Concordância de gênero e número: Singular: 54% (PR. 0,71) Plural: 12% (PR.0,30)</p>	<p>Função sintática: Só houve realização de <i>a gente</i> no caso nominativo;</p> <p>Traço [+ determinado] do referente: Em relação à utilização de <i>a gente</i>, não houve caso de referência indeterminada ou sujeito ampliado. Tanto <i>a gente</i></p>
Variáveis Linguísticas (continuação)	<p>Tempo verbal: A variante <i>a gente</i> foi favorecida no presente do indicativo (38%) (PR. 0.54)</p>	<p>quanto <i>nós</i> só apareceram com o traço [+determinado].</p> <p>Sujeito preenchido e nulo: A forma <i>a gente</i> sempre se apresenta explicitamente.</p>

Variáveis Externas	Escolaridade: A variante <i>a gente</i> foi favorecida por alunos do EF (41%) (PR.0.34)	Sexo/ Gênero e Escolaridade: Utilização categórica da forma <i>nós</i> pelos informantes homens (mais escolarizados);
	Sexo/Gênero: As pessoas do sexo/gênero feminino favorecem o uso da variante <i>a gente</i> .	Utilização variável entre as formas <i>nós</i> e <i>a gente</i> pelas informantes mulheres (menos escolarizadas).

Conforme o Quadro 6, em relação à região Sudeste, os resultados dos estudos de Vianna (2006) e Souza (2015) mostram que, apesar de a variante *nós* ser predominante nas duas amostras, *a gente* já estava presente na escrita do PB desde a década de 1930. Quanto aos condicionadores linguísticos, a variante em questão, no RJ, é favorecida em *concordância verbal* com a P3 (*a gente* + P3, Vianna, 2006), no *presente do indicativo* (Vianna, 2006) e quando o *sujeito é preenchido* (Souza, 2015). No que tange às variáveis extralinguísticas, a forma inovadora *a gente* é mais utilizada pelas mulheres e por pessoas com menor escolaridade. No Quadro 7, observamos os resultados de pesquisas na região Sul.

Quadro 7 – Variação *nós* e *a gente* em textos escritos na região Sul do Brasil

Região Sul				
Pesquisas	Brustolin (2009)	Agostinho (2013)	Borges (2019)	Monguilhott <i>et al.</i> (2021)
Localidade	Florianópolis - Santa Catarina	Itajaí - Santa Catarina	Rio Grande do Sul	Santa Catarina
Período	Década de 2000 - De maio a outubro de 2008 (século XXI)	Década de 2010 - De março a abril de 2011 (século XXI)	Décadas de 1890 e 1900 (século XIX); Décadas de 1910/20/30/40/50/60/70/80/90 (século XX)	Décadas de 1880 e 1890 (século XIX); Décadas de 1960, 1970, 1980 e 1990 (século XX)
Corpus	393 textos narrativos escritos por alunos do EF (5º, 6º, 7º e 8º) em quatro escolas da rede pública	334 Redações (narrativas) elaboradas por alunos dos anos finais do EF (5ª, 6ª, 7ª e 8ª séries) de duas escolas públicas.	11 peças de teatro	Amostras do PHPB-SC: 21 cartas pessoais do século XIX e 136 cartas do século XX
Resultados Gerais	Obtiveram-se 1.284 dados de P4. Houve uma realização de 86% da variante <i>nós</i> e de 14% de <i>a gente</i>	Obtiveram-se 2.199 dados de P4, sendo 1.204 de <i>nós</i> (55%) , 787 com SN+eu (36%) e 208 com <i>a gente</i> (9%)	Obtiveram-se 246 dados de P4 expressos formalmente e em função de sujeito, assim distribuídos: 122 de <i>nós</i> (49,6%) e 124 de <i>a gente</i> (50,4%) A variante <i>a gente</i> já é encontrada na década de 1890 (séc. XIX), com um percentual de 33%	Obtiveram-se 142 dados de P4. No séc. XIX, todos os casos (13 dados) foram da variante <i>nós</i> . No século XX, houve 129 dados de <i>nós</i> e oito de <i>a gente</i> A variante <i>a gente</i> é encontrada somente no século XX

<p>Variáveis linguísticas</p>	<p>Marca morfológica do verbo: Há maior produtividade de <i>a gente</i> com morfema zero (P3)</p> <p>Sujeito preenchido e nulo: Há predominância de <i>a gente</i> no que se refere ao sujeito preenchido e não ao sujeito nulo</p> <p>Saliência fônica: O pronome <i>a gente</i> é empregado com mais frequência nos níveis de menor saliência fônica (34%) do que nos níveis de maior saliência fônica (24%)</p> <p>Paralelismo formal: quando o pronome <i>a gente</i> inicia uma série, uma forte tendência é que essa escolha influencie no uso de <i>a gente</i> + <i>a gente</i> nas formas subsequentes</p>	<p>A variável investigada é a variação da concordância verbal de P4</p>	<p>---</p>	<p>----</p>
<p>Variáveis Externas</p>	<p>Sexo/Gênero: As mulheres utilizam mais o pronome <i>a gente</i> do que os homens (29% e 20%, respectivamente)</p> <p>Série escolar: Os alunos que mais utilizam o pronome <i>a gente</i> são das séries: 5ª e 6ª (séries iniciais do EF)</p>	<p>A variável investigada é a variação da concordância verbal de P4</p>	<p>Sexo/Gênero: A forma inovadora <i>a gente</i> foi favorecida pelas personagens femininas, tanto em percentual (56%) como em peso relativo (0,56)</p> <p>Faixa etária: As personagens da faixa etária intermediária (de 26-49 anos) foram os que mais utilizaram <i>a gente</i> (53% / 0,54);</p> <p>Classe social: O uso de <i>a gente</i> é favorecido pelos personagens da classe baixa, com percentual de 54% (0,56)</p>	<p>----</p>

Fonte: autoria própria

Como pode ser verificado no Quadro 7, na região Sul, há pesquisas com *corpus* bastante diversificado, formado por textos narrativos (redações), peças de teatro e cartas pessoais, representando a escrita catarinense desde o século XIX até o século XXI. Como resultados gerais, há o predomínio da variante *nós* em quase todas as pesquisas, com exceção de Borges (2019), em que a variante *a gente*, ainda que com uma diferença não muito grande, se sobressai nas 11 peças de teatro escritas nos séculos XIX e XX. Em relação aos condicionadores linguísticos, a pesquisa de Brustolin (2009) mostra a importância da *marca morfêmica do verbo*, do *preenchimento do sujeito*, da *saliência fônica* e do *paralelismo formal* para o uso da variante *a gente*. Sociolinguisticamente, como é constatado em outras pesquisas, as mulheres e os menos escolarizados favorecem o uso da variante inovadora. Por fim, apesar da predominância da forma *nós*, a variante *a gente* já é constatada na escrita brasileira na década de 1890.

Conforme observado nesta seção, as pesquisas descritas levaram em conta, principalmente, os seguintes condicionadores linguísticos: *sujeito preenchido e nulo*, *tipo de referência*, *marca morfêmica do verbo*, *paralelismo formal*, *concordância verbal* e *tempo verbal*. Os resultados mostram que a forma *a gente*, geralmente, é produtiva em contextos em que o sujeito é preenchido, concordando com a P3 e quando é o primeiro de uma série. Além disso, os principais condicionadores extralinguísticos considerados foram: *escolaridade*, *sexo/gênero* e *faixa etária*. De maneira geral, podemos observar que a variante inovadora se faz presente na maioria dos gêneros textuais escritos, com implementação a partir do século XIX, especialmente na escrita de mulheres e de pessoas menos escolarizadas. Esse panorama indica um avanço da variante, mesmo com a pressão que a escola exerce sobre a escrita.

Salientamos que até o momento de elaboração deste artigo, não foram encontrados estudos que investiguem a variação de P4 na escrita na região Norte do país. Essa ausência de pesquisas destaca a importância de realizarmos estudos sobre esse fenômeno na modalidade escrita no Amazonas.

A seguir, detalhamos a amostra da escrita amazonense aqui utilizada.

4 Procedimentos metodológicos

Neste artigo, foram analisados os dados extraídos das cartas pessoais da família de Arthur Reis, datadas das décadas de 1940 a 1980. Esse acervo pode ser encontrado em sua forma física na Biblioteca Arthur Reis, localizada no Centro Cultural Povos da Amazônia,

em Manaus (AM) e compõe o *corpus* mínimo comum⁴ do projeto *Para a História do Português do Amazonas* – PHPB/AM. As cartas desse acervo foram digitalizadas e transcritas pela referida equipe e estão disponíveis no *drive*⁵ do projeto.

Dessa amostra, foram selecionadas 127 missivas que já haviam sido transcritas pela equipe do PHPB/AM para o estudo sobre as formas de tratamento, realizado por Maia, Martins e Coelho (2024). O referido estudo adotou, como principal critério para seleção, missivas trocadas entre membros da família e amigos⁶. Em relação aos destinatários, a maioria dessas cartas são enviadas à Graziela Reis (esposa de Arthur Reis) por seus filhos, irmãos, sobrinhos, netos e amigos, além de poucas cartas destinadas ao casal ou aos filhos de Arthur e Graziela, conforme se observa no Quadro 8.

Quadro 8 – Tipos de relações na Amostra da Família Arthur Reis

Tipos de relação			Destinatário		
Relações assimétricas descendentes	Pai		Graziela Reis	4	
		Emília	Graziela Reis	8	
Relações assimétricas ascendentes		José Augusto	Graziela Reis	9	
		Iria	Graziela Reis		
		Vanja	Graziela Reis	5	
		Miriam	Graziela Reis	2	
		Ruy	Graziela Reis	1	
		Mimar/Mimá	Graziela Reis	1	
		Márcia Reis	Arthur e Graziela Reis	1	
		Maria da Graça	Graziela Reis	4	

⁴ O *Corpus* Mínimo Comum é composto por textos impressos, como cartas de leitores, editoriais/cartas de redatores e anúncios, e por textos manuscritos, incluindo cartas particulares e cartas de leitores (Castilho, 2021, n.p.).

⁵ Em breve, esse material, juntamente com outros pertencentes ao projeto, estarão disponíveis ao público também em um *site*.

⁶ No conjunto de cartas referentes à família Arthur Reis, há correspondências de diferentes remetentes, algumas das quais não permitem identificar o tipo de relação. Além disso, o material inclui cartas sem data. Esses casos foram excluídos do estudo.

Relações Simétricas		Graziela Reis	Filhos de Arthur e Graziela Reis	2	
			Graziela Reis	1	
		Alésia	Graziela Reis	1	
		Heloísa	Graziela Reis	8	
		Edgar	Graziela Reis	7	
		Isaura	Graziela Reis	5	
		Judith	Graziela Reis	1	
		Fernando	Graziela Reis	1	
Relações Simétricas		Esther	Graziela Reis	1	
		Carlota	Arthur e Graziela Reis	1	
		Quésia	Graziela Reis	1	
TOTAL	21	3	83	--	

Das 127 cartas analisadas, salientamos que em 44 não havia dados de P4, o que resultou em 83 cartas analisadas de 21 missivistas. Vale ressaltar que os dados de P4 em outras funções sintáticas (genitivo, acusativo e oblíquo) não foram considerados para a análise quantitativa desta pesquisa.

4.1 Biografia de Arthur Reis

Arthur Cezar Ferreira Reis foi uma figura de grande relevância, tanto na política quanto na literatura da região amazônica. A amostra aqui analisada integra seu acervo bibliográfico, motivo pelo qual destacamos sua biografia, dada sua significativa influência política no estado e a vasta informação disponível. Em contraponto, não encontramos muitas referências sobre outros membros da família, além do que está nas cartas sobre suas relações (cf. Quadro 8). Sabemos que a família deixou Manaus há muito tempo. Além disso, recentemente, a equipe do PHPB/AM conseguiu contato com uma das bisnetas de Arthur Reis e Graziela Reis, cuja avó é a Iria (a filha mais velha). Ela informou que uma das filhas mais novas do casal, a Miriam, ainda está viva. Por termos informações mais vastas de Arthur Reis, apresentaremos, a seguir, uma breve descrição de sua vida, incluindo informações acadêmicas, atuação profissional, entre outras.

De acordo com o *site* do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e Sousa (2009), Arthur Reis nasceu em Manaus (AM) em 08 de janeiro de 1906. Ele é filho de Vicente Torres Reis e Emília Ferreira Reis. É importante destacar que seu pai era jornalista⁷ e escritor teatral.

Em relação à sua formação inicial, Arthur Reis fez o curso primário e secundário

⁷ Vicente Torres Reis foi proprietário de um dos jornais mais antigos e que ainda está em funcionamento no Amazonas, o *Jornal do Commercio*.

nos mais prestigiados grupos escolares de Manaus, a saber, escola Saldanha Marinho, Marechal Hermes e o Ginásio Amazonense D. Pedro II. Graduou-se pela Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro (hoje UFRJ), em 1927.

Acerca de sua atuação profissional, elencamos suas diversas atribuições, entre elas, seu início no magistério em 1928, em Manaus (AM), como professor de História do Brasil no colégio Dom Bosco, História da Civilização e História do Brasil na escola Solon de Lucena e Economia Política e Ciências das Finanças na Faculdade de Direito do Amazonas.

Mais tarde, Arthur Reis foi vice-diretor da Associação dos Empregados do Comércio do Amazonas, em 1929, e chefe de gabinete da Junta Governativa Revolucionária do Amazonas, em 1930. Ele também atuou como diretor da instrução pública do Estado do Amazonas, Fiscal Federal de Seguros Marítimos e Fiscalização no mesmo estado. Além disso, foi diretor do Departamento de Educação e Cultura do Amazonas e representante da Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional no Pará, em 1940. Entre 1946 e 1953, chefiou a Divisão do Ministério do Trabalho.

Entre 1953 e 1955, Arthur Reis foi superintendente do Plano de Valorização Econômica da Amazônia (SPVEA) e, de 1950 a 1958, diretor do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA). Em 1961, tornou-se diretor do Departamento de História e Documentação do estado da Guanabara e, entre 1961 e 1964, diretor do Departamento Nacional de Indústria do Ministério da Indústria e do Comércio. De 1964 a 1967, ocupou o cargo de governador do Estado do Amazonas. Além disso, foi presidente e membro do Conselho Federal de Cultura e membro da Comissão de Textos de História do Brasil do Ministério das Relações Exteriores.

Arthur Reis também foi sócio grande-benemérito do IHGB, jornalista colaborador em várias revistas e redator-chefe do Jornal do Comércio. Como escritor, publicou mais de 2000 artigos, inúmeros prefácios e livros⁸. Arthur Reis, apesar de pouca idade, era uma promessa na implementação de novas ideias. Portador de um conhecimento de altíssimo nível, revelou-se um homem de virtudes e negócios, destacando-se na sociedade manauense da época. Suas atribuições revelam forte atuação nos locais por onde residiu, desde Manaus, Belém e Rio de Janeiro. Na amostra de cartas aqui analisada, observa-se a troca de missivas entre familiares e amigos que residiam, por vezes, separados em uma dessas cidades. Arthur Reis faleceu em 7 de fevereiro de 1993, na cidade do Rio de Janeiro.

⁸ Em sua maioria, sobre História e Geografia da região amazônica.

4.2 O envelope de variação

Para a realização deste estudo, a respeito da variação de *nós* e *a gente* na função de sujeito, na amostra de cartas pessoais da Família Arthur Reis, primeiramente, selecionamos 127 cartas que foram transcritas e editadas pelos membros do projeto PHPB/AM. Logo após essa etapa, separamos todas as sentenças com os pronomes, expressos e nulos, *nós* e *a gente*. A seguir, exemplificamos esses usos com dados destacados das referidas cartas.

(1) *Nós*, aqui de longe [rasura], | **ficaremos** cheios de saudades, na | revivescencia dos dias felizes de quan - | do estavam juntos. [Trecho da carta de Raymundo a sua filha Graziela Reis, em 07/05/1940]

(2) Na excursão, Paris moderno, **fomos** ao Bosque de Bolanha. [Trecho da carta de Graziela Reis a seus filhos, em 14/10/1953]

(3) Disse-me que quando **a gente tem** um quer um, quando **tem** 5 quer [os 5] [Trecho da carta de Iria a sua mãe Graziela Reis, em 13/12/1954].

Para análise da nossa variável dependente “a expressão de P4 na função de sujeito”, como pode se constatar no Quadro 9, controlamos os condicionadores extralinguísticos e linguísticos que se mostraram relevantes nas pesquisas elucidadas na seção 3.

Quadro 9 – Envelope de Variação

Variáveis Linguísticas		
	Fatores	Hipóteses
Preenchimento do sujeito pronominal	Nulo	Espera-se que o fator sujeito expreso favoreça o uso de <i>a gente</i> , conforme foi encontrado nas pesquisas de Brustolin (2009), Vitório (2015) e Araújo (2023).
	Expresso	
Paralelismo entre as formas de sujeito pronominal	Formas paralelas (formas de P4 iguais)	Espera-se que o fator formas paralelas (formas iguais) favoreça o uso de <i>a gente</i> , conforme foi encontrado nas pesquisas de Brustolin (2009), Souza (2015), Vitório (2015) e Araújo (2023).
	Formas não paralelas (formas de P4 diferentes)	

Conjugação Verbal	1ª Conjugação	Os trabalhos mencionados na seção 3 não apresentam discussão para essa variável, mas o trabalho de Araújo (2016), sobre dados de fala, mostra que os verbos de 2ª conjugação (ter, ser) desfavorecem o uso de <i>a gente</i> .
	2ª Conjugação	
	3ª Conjugação	
Tempo Verbal	Presente	Espera-se que o fator presente favoreça o uso de <i>a gente</i> , conforme foi encontrado na pesquisa de Vianna (2006).
	Pretérito	
	Futuro	
Saliência Fônica (considerando o radical do verbo)	[+marcado]: irregularidade do radical	Espera-se que o fator [-marcado] favoreça o uso de <i>a gente</i> , conforme foi encontrado na pesquisa de Brustolin (2009).
	[-marcado]: regularidade do radical	
Tipo de referente (eu ampliado)	eu + você [+determinado]	Espera-se que o fator eu + todos [-determinado] favoreça o uso de <i>a gente</i> , conforme foi encontrado nas pesquisas de Ribeiro e Vieira (2019) e Araújo (2023).
	eu + ele [+determinado]	
	eu + eles [+determinado]	
	eu + todos [-determinado]	
Variáveis Extralinguísticas		
Missivista	21 missivistas (conforme Quadro 8)	Espera-se que as missivistas do sexo/gênero feminino favoreçam o uso de <i>a gente</i> , conforme foi encontrado nas pesquisas de Vianna (2006), Brustolin, (2009), Vitorio (2015), Souza (2015) e Borges (2019).
Década	1940	Espera-se que os fatores 1960 e 1980 favoreçam o uso de <i>a gente</i> , conforme foi encontrado na pesquisa de Lopes (2004) e Borges (2019).
	1950	
	1960	
	1980	

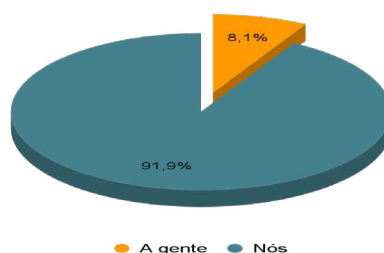
As ocorrências de *nós* e *a gente* na função de sujeito foram categorizadas em planilhas do Excel, conforme as variáveis linguísticas e extralinguísticas controladas e, em seguida, submetidas ao Programa estatístico GoldVarbX⁹. De maneira geral, nas 83 cartas analisadas, encontramos 283 ocorrências das formas *nós* e *a gente* na função de sujeito. Os resultados dessa análise são apresentados na próxima seção.

⁹ GoldVarbX (David Sankoff, Sali A. Tagliamonte e Eric Smith, 2005) é uma versão para Windows do pacote estatístico Varbrul. Foi elaborado especialmente para análise multivariada de dados de variação sociolinguística (Guy; Zilles, 2007).

5 Os Resultados

A análise estatística realizada, das 283 ocorrências de *nós* e *a gente* na função de sujeito encontradas nas cartas pessoais da família Arthur Reis, mostrou que 23 foram da forma *a gente* (8,1%) e 260 da forma *nós* (91,9%), conforme podemos visualizar no Gráfico 1.

Gráfico 1 – As formas *nós* e *a gente* na Amostra Família Arthur Reis, 1940 a 1980



Fonte: autoria própria

Como observamos no Gráfico 1, a forma *nós*, de maneira geral, predomina na amostra Arthur Reis, que abrange cartas pessoais trocadas entre familiares nas décadas de 1940 a 1980. Esse predomínio também é observado em outras amostras sincrônicas e diacrônicas mencionadas na seção 3, como Araújo (2023), Ribeiro e Vieira (2019), Vianna (2006), Souza (2015), Brustolin (2009), Agostinho (2013) e Monguilhott *et al.* (2021). Por outro lado, a forma *a gente* na amostra de Borges (2019), referente aos séculos XIX e XX, na região sul do Brasil, em 11 peças de teatro, apresenta um resultado contrário às pesquisas citadas anteriormente. Das 246 ocorrências de sujeitos expressos, 124 (50,4%) correspondem à variante *a gente*, enquanto 122 (49,6%) à *nós*.

A fim de compreendermos o uso da forma inovadora *a gente*, considerada como aplicação da regra, na escrita amazonense aqui analisada, controlamos os grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos que estão elencados na seção 4.2. Em virtude de *Knockouts* e sobreposições, excluímos algumas variáveis (*paralelismo*¹⁰ e *missivistas*¹¹) e fatores (*tempo futuro*¹²), assim como realizamos amálgamas (*tempo verbal*: presente e passado e *década*: 1940, 1950/1960 e 1980). Sendo assim, para a análise de Peso Relativo, controlamos os seguintes grupos de fatores: *preenchimento do sujeito*, *conjugação verbal*,

¹⁰ A forma *a gente*, em sua maioria, aparece na função de sujeito. Há apenas dois casos em que aparece como possessivo.

¹¹ Essa variável se sobrepôs à *década*.

¹² Não apareceu nenhum *a gente* com verbo no tempo no futuro.

tempo verbal, saliência fônica, tipo de referência e década. Desses, o programa estatístico selecionou os seguintes, em ordem de seleção: *preenchimento do sujeito, tipo de referência, década e tempo verbal.*

A seguir, na Tabela 1, visualizamos os resultados encontrados referentes ao condicionador *preenchimento do sujeito*:

Tabela 1 – Frequência e probabilidade da variante “a gente”, segundo a variável ‘preenchimento do sujeito’

Fatores	Aplicação/ Total	%	P.R
Expresso	19/50	38%	0,96
Nulo	4/233	1,7%	0,33

Significância: 0,012
Input: 0,014

Fonte: autoria própria

Os resultados mostram que a forma *a gente* é favorecida quando o sujeito é expresso (0,96) e desfavorecida quando o sujeito é nulo (0,33), corroborando com os resultados encontrados por Vitória (2015) e Araújo (2023), no nordeste do Brasil, assim como em Souza (2015), no Sudeste, e Brustolin (2009), no Sul.

A forma *a gente* quando passa à categoria de pronome no Português, conforme discutido na seção 2, mantém o traço formal de P3, embora, semanticamente, seja interpretada como P4. Como as formas verbais de P3 não apresentam marca morfêmica, a ausência do pronome na frase poderia gerar uma ambiguidade em relação ao sujeito. Por esse motivo, provavelmente, a forma *a gente* é preenchida.

Os quatro casos de *a gente* nulos que apareceram, na amostra aqui analisada, correspondem a situações de paralelismo entre sujeitos na mesma sentença, conforme os exemplos 1 ao 3, a seguir:

(1) *Até nos armários de | roupa, quando **a gente** abria, Ø via pulga passean- | do.* [Trecho da carta de Iria para sua mãe Graziela Reis, 29/09/1954].

(2) ***A gente** | faz do boneco o que Ø quer.* [Trecho da carta de Iria para sua mãe Graziela Reis, 19/08/1957].

(3) *Resolvi escrever porque os telefonemas são | tão rápidos que **a gente** quasi não pode con- | versar, dizer tudo o que Ø queria dizer.* [Trecho da carta de Iria para sua mãe Graziela Reis, 20/02/1989)].

No que se refere à variável *paralelismo entre formas de sujeito*, na Tabela 2, ilustramos os resultados:

Tabela 2 – As formas nós e a gente na função de sujeito, segundo a variável linguística ‘paralelismo’

Paralelismo de formas do sujeito pronominal	A expressão de P4	
	A gente	Nós
Formas paralelas (sujeitos iguais)	0/165 = 0%	165/165 = 100%
Formas não paralelas (sujeitos diferentes)	23/93 = 24,7%	70/93 = 75,3%
TOTAL	23/258 = 8,1%	235/258 = 91,1%

Fonte: autoria própria

Os resultados expostos na Tabela 2 indicam que, nas cartas de um mesmo missivista em que havia dados de *a gente*, a forma *nós* também era utilizada, mostrando a variação existente entre esses dois pronomes para expressão de P4. No exemplo 4, apresentamos esse caso de *não paralelismo entre sujeitos* em uma mesma carta:

(4) *Realmente, Ø temos que | auxiliar o próximo, mas, o que não é pos- | sível é a vida toda a gente estar sempre | á disposição dos outros.* [Trecho da carta de Iria para sua mãe Graziela Reis, 19/04/1955].

Por sua vez, conforme mostram os resultados da Tabela 2, o *paralelismo entre sujeitos* sempre ocorre com a forma *nós*, como no exemplo 5 que segue:

(5) [...] não estou certa | de que *nós vamos*, mas papai falou que talvez *nós* | *possamos* ir aí. [Trecho da carta de Márcia Reis para seus avós Arthur e Graziela Reis, 19/06/1966]

Na Tabela 3, apresentamos os resultados da segunda variável selecionada, o *tipo de referência*:

Tabela 3 – Frequência e probabilidade da variante “a gente”, segundo a variável ‘tipo de referência’

Grau de indeterminação do sujeito	Fatores	Aplicação/ Total	%	P.R
-determinado (grau 3)	Eu + todos	15/69	21,7%	0,83
-determinado (grau 2)	Eu+ ele	2/85	2,4%	0,37
-determinado (grau 1)	Eu + eles	6/121	5,0%	0,36
+ determinado	Eu + você	0/8	0%	—
Significância: 0,012 Input: 0,014				

Fonte: autoria própria

De acordo com a Tabela 3, considerando o seguinte grau de indeterminação (graus 1, 2 e 3), observamos que o fator *eu + todos* (0,83), que é o de maior grau de indeterminação do sujeito, favorece o uso da forma *a gente*, enquanto os demais fatores, *eu + ele* (0,37) e *eu + eles* (0,36), a desfavorecem. Vale ressaltar que no fator *eu + você*, que é o mais determinado, não apareceu nenhum uso de *a gente*, podendo indicar, assim, que essa forma, ao ser gramaticalizada como pronome no Português, ainda mantém o traço de indeterminação da categoria nome, conforme apontado por Lopes (2004). Os trabalhos de Araújo (2023), no Nordeste, e Ribeiro e Viana (2019), no Centro-Oeste, também mostram essa tendência. A pesquisa de Souza (2015), no Sudeste, por outro lado, não encontrou nenhum dado de *a gente* e *nós* com grau de indeterminação.

Nos exemplos 6 a 8, ilustramos *a gente* nesse sentido mais genérico (o eu ampliado):

(6) (2) Disse-me que quando **a gente** tem um Ø quer um, quando Ø tem 5 Ø quer [os 5] [Trecho da carta de Iria para sua mãe Graziela Reis, 13/12/1954].

(7) Já se foi o | tempo que **a gente** ia á vontade para Copacabana. [Trecho da carta de Iria para sua mãe Graziela, 06/10/1954].

(8) No | final, quando todo o conjunto estava dansan- | do, com uma harmonia de movimentos im- | pressionante, as luzes todas acesas, [rasurado] a rou- | pas com coloridos os mais diferentes, **a gente** ti- | nha ímpeto de ficar de pé e aplaudir. [Trecho da carta de Iria para sua mãe Graziela, 13/12/1954].

Na Tabela 4, apresentamos os resultados a respeito da variável *década*, selecionada em terceiro lugar:

Tabela 4 – Frequência e probabilidade da variante “a gente”, segundo a variável ‘década’

Fatores	Aplicação/ Total	%	P.R
Década de 1980	3/7	42,9%	0,92
Década de 1950 e 1960	19/203	9,4%	0,67
Década de 1940	1/73	1,4%	0,09

Significância: 0,012

Input: 0,014

Fonte: autoria própria

Conforme a Tabela 4, a forma *a gente* é favorecida pelas décadas de 1980 (0,92) e 1950/1960 (0,67), ao passo que é desfavorecida pela década de 1940 (0,09).

Considerando as particularidades da amostra analisada, na qual só registramos dados de *a gente* em cartas de duas remetentes (Iria e Alésia), esse resultado diacrônico, na verdade, é enviesado pela variável *missivista*. Na Tabela 5, mostramos a quantidade de *a gente* utilizada por cada uma e por década:

Tabela 5 – As formas *nós* e *a gente* na função de sujeito por ‘missivista’ e ‘década’, segundo as relações sociais entre os interlocutores

Missivista	Década	Número de cartas	A EXPRESSÃO DE P4	
			A GENTE	NÓS
Iria	1950	17	19	82
(filha de Graziela e Arthur Reis)	1960	1	0	3
	1980	1	3	4
Alésia (Irmã de Graziela Reis)	1940	1	1	3
TOTAL		20	23	92

Fonte: autoria própria

Na Tabela 5, observamos que não há regularidade em relação à distribuição do número de cartas por década/missivista. Por exemplo, na década de 1980, há somente uma carta de Iria; nas décadas de 1950/1960, há 18 de Iria e na década de 1940, somente uma de Alésia. Desse modo, não é possível discutirmos a implementação da forma *a gente* na escrita amazonense na perspectiva da mudança em tempo real, pois seriam necessários dados de outros missivistas em cada década.

Por outro lado, a forma *a gente*, como mencionado anteriormente, foi utilizada na nossa amostra por duas mulheres, o que pode indicar que a variável *sexo/gênero* influencia na implementação dessa forma no PB. Vale ressaltar que alguns trabalhos discutidos na seção 3 (Vitório, 2015; Viana, 2006; Brustolin, 2009; Souza, 2015 e Borges, 2019) mostram as mulheres liderando o uso da forma *a gente*, corroborando com os resultados desta pesquisa. Os primeiros estudos labovianos já mostravam essa tendência de que as mulheres ocidentais podem liderar a mudança linguística, mas quando a forma inovadora tem algum prestígio (Labov, 2008 [1972]; Paiva (2015). Ressalta-se que, nas pesquisas de Vitório (2015), Santos (2015), Vianna (2006) e Souza (2015), a forma *a gente* é mais produtiva na escrita dos menos escolarizados, por esse motivo não podemos ainda correlacionar essa forma com prestígio.

No que se refere à nossa amostra, não podemos ter certeza do nível de escolaridade dos missivistas, porém, o que se sabe sobre Iria, por exemplo, conforme informações ex-

postas nas cartas, é que se mudou para o Rio de Janeiro, na década de 1950, casando-se e, posteriormente, cursando nível superior. Quanto à Alésia, não há nenhuma informação sobre escolaridade.

Na Tabela 6, apresentamos os resultados da variável *tempo verbal*, quarta e última variável selecionada.

Tabela 6 – Frequência e probabilidade da variante “a gente”, segundo a variável ‘tempo verbal’

Fatores	Aplicação/ Total	%	P.R
Presente	18/103	17,5%	0,62
Passado	5/115	4,3%	0,38

Significância: 0,012

Input: 0,014

Fonte: autoria própria

Conforme os resultados expostos na Tabela 6, verificamos que a forma *a gente* é favorecida pelo tempo presente (0,62), ao passo que é desfavorecida pelo tempo passado (0,38). Nos exemplos de 9 a 12, observamos o uso de *a gente* no tempo presente, assim como *nós* com formas verbais no passado:

(9) [...] é horrível **a gente estar** | separada dos seus. [Trecho da carta de Alésia para sua irmã Graziela, 21/05/1941].

(10) As vezes | sente dor, **a gente vê** pela expressão dele, | pelo modo de gritar, mas, a maioria das | vezes é só medo [Trecho da carta de Iria para sua mãe Graziela Reis, 13/12/1954].

(11) o Eduardo César esteve adoentado sábado, com | forte gripe, e **nós fomos** visitá-lo, mas domingo, êle | já estava bem, e pouco [inint.] de casa. [Trecho da carta de José Augusto para sua mãe Graziela, 20/08/1957].

(12) **Nós tivemos** muito [p]razer com | isso porque para nós são pessoas de muita distin- | ção. [Trecho da carta de Isaura para sua cunhada Graziela, 02/01/1940].

Esses dados corroboram os resultados encontrados por Vianna (2006), no Rio de Janeiro. Segundo a autora, alguns estudos (Omena, 1996; Lopes, 1993) têm mostrado que os tempos menos marcados tendem a condicionar o uso de *a gente*. Ainda, podemos levantar como hipótese que a forma *a gente* está sendo implementada a fim de desfazer a neutralização existente entre as formas verbais na P4 do presente e do passado em verbos regulares (Câmara Jr., 2011[1970]).

6 Considerações Finais

Neste artigo, tivemos como objetivo investigar as formas *nós* e *a gente* na função de sujeito nas cartas pessoais da amostra Família Arthur Reis, no período de 1940 a 1980, a fim de observarmos se havia variação entre essas duas formas na escrita amazonense, assim como verificar quais condicionadores linguísticos e extralinguísticos estariam atuando sobre a forma inovadora *a gente*. Considerando as características peculiares dessa amostra, conseguimos alcançar o objetivo proposto.

Os resultados mostraram que há variação entre *nós* e *a gente* para expressar a P4 na função de sujeito. Essa variação é encontrada, particularmente, nas cartas de duas missivistas, Iria e Alésia, a partir da década de 1940. Além disso, nossa principal hipótese de que os condicionadores que mais atuam sobre o uso de *a gente* são o *tipo de referente* e o *preenchimento do sujeito* foi comprovada, tendo em vista que uso de *a gente* na escrita dessas duas remetentes é favorecido, linguisticamente, pelo *sujeito expresso*, pelo *traço [-determinado]* e pelo *tempo presente*. Esse resultado é semelhante ao encontrado em outras pesquisas realizadas no PB, tanto em dados sincrônicos (Brustolin, 2009; Agostinho, 2013; Vitória, 2015; Santos, 2015; Freire, 2019 e Araújo, 2023) quanto diacrônicos (Vianna, 2006; Souza, 2015; Ribeiro e Vieira, 2019; Borges, 2019; Monguilhott *et al.*, 2021).

Vale destacar, ainda, que observamos uma tendência já evidenciada nas pesquisas descritas na seção 3 (Vianna, 2006; Brustolin, 2009; Vitória, 2015; Souza, 2015; Borges, 2019) de que as mulheres usam com mais frequência a forma inovadora para expressão de P4.

Espera-se que, com a ampliação da amostra, já em andamento pela equipe do PHPB/AM, possamos ter uma distribuição de dados equitativos por década/missivista e, assim, compreender de forma mais concreta a atuação dos condicionadores no uso da forma inovadora *a gente* na escrita manauara ao longo do tempo.

Referências

- AGOSTINHO, S. R. N. *A variação na concordância verbal de primeira pessoa do plural na escrita de alunos do Ensino Fundamental*. 2013. 318 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.
- ALBÁN, M. R.; RAPP, C.; PASSOS, F.; OLIVEIRA, I.; CRUZ, R. *Nós e a Gente: uma sondagem na norma culta brasileira. Atas do I Simpósio sobre a Diversidade Linguística no Brasil*. Salvador, Instituto de Letras da UFBA, p. 147-156, 1986.

ARAÚJO, M. A. A. A primeira pessoa do plural em redações escolares de alunos do ensino médio: uma análise descritiva à luz da teoria variacionista. *Revista Contemporânea*, [s.l.], v. 3, n. 12, p. 30005-30028, 18 dez. 2023. South Florida Publishing LLC. Disponível em: <https://ojs.revistacontemporanea.com/ojs/index.php/home/article/view/2678>. Acesso em: 15 maio 2024.

ARAÚJO, M. A. A. *Será que a gente usa mais o nós?* Uma fotografia sociolinguística do falar popular de Fortaleza. Dissertação (mestrado acadêmico) – Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Fortaleza, 2016.

BORGES, Paulo Ricardo Silveira. As dimensões sociais da mudança em peças de teatro de autores gaúchos: inserção e propagação do pronome a gente no português brasileiro. *Cadernos do Il*, [s.l.], v. 1, n. 59, p. 71-88, 29 out. 2019. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. <http://dx.doi.org/10.22456/2236-6385.92310>. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/cadernosdoil/article/view/92310>. Acesso em: 01 jun. 2024.

BRUSTOLIN, A. K. B. da S. *Itinerário do uso e variação de nós e a gente em textos escritos e orais de alunos do Ensino Fundamental da Rede Pública de Florianópolis*. 2009. 245 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

CÂMARA JR., J. M. *Estruturas da língua portuguesa*. 44. ed. Petrópolis: Vozes, 2011 [1970].

CASTILHO, A. T. de. Produção científica do *Projeto Para a História do Português Brasileiro*, de 1988 a fevereiro de 2019. Bancos de dados do CEDOCH. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2021. Disponível em: <https://cedoch.fflch.usp.br/producao-cientifica-do-projeto-para-historia-do-portugues-brasileiro>. Acesso em: 03 out. 2024.

CONDE SILVESTRE, J. C. C. *Sociolinguística Histórica*. Madrid: Editorial Gredos, 2007.

CUNHA, M. A. F. de; OLIVEIRA, M. R. de; MARTELOTTA, M. E. *Linguística Funcional: teoria e prática*. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

FERNANDES, E; GOSKY, E. A concordância verbal com os sujeitos Nós e a Gente: um mecanismo do discurso em mudança. *Atas do I Simpósio sobre a Diversidade Linguística no Brasil*. Salvador, Instituto de Letras da UFBA, p. 175-83, 1986.

FREIRE, J. B. Concordância da 1ª pessoa do plural: o que dizem os textos escolares? Primeira Escrita, Aquidauana, n. 6, p. 157-168, 06 nov. 2019. *Dossiê Dialetoлогия e Geolinguística - princípios, abordagens e resultados*. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/revpres/article/view/8523>. Acesso em: 15 maio 2024.

FREITAS, J; ALBÁN. M.R. “*Nós ou a gente?*” *Estudos lingüísticos e literários*, Salvador, UFBA, 11:75–90, 1991.

HOPPER, P. J.; TRAUGOTT, E. C. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

HOPPER, P. On some principles of grammaticization. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (eds.): *Approaches to grammaticalization*, v. 1, Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Company, 1991.

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO. *Arthur César Ferreira Reis: sócios falecidos brasileiros*. Disponível em: <https://ihgb.org.br/perfil/userprofile/acfreis.html>. Acesso em: 15 maio 2024.

LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. Trad. de Marcos Bagno; Maria Marta Scherre; Caroline Cardoso. São Paulo: Editorial Parábola, 2008 [1972].

LABOV, W. *Principles of linguistic change: Internal factors*. Cambridge: B. Blackwell, 1994.

LEHMANN, C. Grammaticalization: Synchronic Variation and Diachronic Change. *Lingua e Stile*, XX, 3, p. 303-318, 1982.

LOPES, C. R. dos S. A gramaticalização de a gente em português em tempo real de longa e de curta duração: retenção e mudança na especificação dos traços intrínsecos. *Fórum Linguístico*, Florianópolis, v. 4, n. 1, p. 47-80, jul. 2004. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6137781>. Acesso em: 15 maio 2024.

LOPES, C. R. dos S. A inserção de ‘a gente’ no quadro pronominal do português. *Linguística Iberoamericana*, Madrid/Frankfurt: *Iberoamericana/Vervuert*, v. 18, p. 1-167, 2003. Disponível em: <https://laborhistorico.letas.ufjf.br/producao/Lopestese.pdf>. Acesso em: 15 maio 2024.

LOPES, C. R. dos S. Nós e a gente no português falado culto do Brasil. *DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, [s.l.], v. 14, n. 2, 1998. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/44300>. Acesso em: 29 jun. 2024.

LOPES, C. R. S. *Nós e a gente no português falado culto do Brasil*, Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa, Rio de Janeiro, Faculdade de Letras/UFRJ, 1993.

MAIA, E. G.; MARTINS, F. S.; COELHO, I. L. As formas de tratamento nas cartas pessoais da amostra família Arthur Reis. *Revista LaborHistórico*, v.10, n.2, e61210, 2024.

MILROY, J. *Linguistic Variation and Change: On the Historical Sociolinguistics of English*. Oxford: Blackwell, 1992.

MONGUILHOTT, I. O. S.; CHAVES, R. G.; BRUSTOLIN, A. K. B. S.; CHAGAS, J. F. Variação nós e a gente em Santa Catarina: do presente para o passado. In: COELHO, I. L.; MONGUILHOTT, I.O.S.; MARTINS, M.A.R.; GÖRSKI, E. M. (Orgs.). *Aspectos sócio-históricos e linguísticos do português escrito em Santa Catarina nos séculos XIX e XX*. Florianópolis: Editora da Ufsc, 2021. p. 155-170. Disponível em: <https://editora.ufsc.br/estante-aberta>. Acesso em: 01 jul. 2024.

MONTEIRO, J. L. *Os pronomes pessoais no português do Brasil*. Tese (doutorado em Letras Vernáculas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Rio de Janeiro, 1991.

NARO, A. J.; GÖRSKI, E.; FERNANDES, E. Uma mudança linguística em curso: a concordância com o sujeito nós / a gente. *Trabalho apresentado durante o Seminário sobre Variação em Sintaxe*. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1983.

OMENA, N. P. A referência à primeira pessoa do plural: variação ou mudança? In: PAIVA, M. da C.; DUARTE, M. E. L. (Org.). *Mudança linguística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2003.

OMENA, N. P. A referência variável da primeira pessoa do discurso no plural. In: SILVA, G. M. de O. e; SCHERRE, M. M. P. (Org.). *Padrões Sociolinguísticos – Análises de fenômenos variáveis do português falado no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, p. 183-215, 1996.

PAIVA, M. C. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (org.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2013. p. 33-42.

RIBEIRO, L. C.; VIEIRA, M. S. Uso variável de nós e a gente em jornais publicados na Cidade de Goiás. *Entrepalavras*, [s.l.], v. 9, n. 3, p. 96, 2 dez. 2019. Disponível em: <http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/view/1536>. Acesso em: 15 maio 2024.

ROMAINE, S. *Socio-historical Linguistics: Its Status and Methodology*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009 [1982].

ROORYCK, J. On two types of underspecification: Towards a feature theory shared by syntax and phonology. *Probus*, 6, Berlin/New York, 1994, p. 207-233.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S. A.; SMITH, E. *Goldvarb X*: A variable rule application for Macintosh and Windows. Department of Linguistics, University of Toronto, 2005. Disponível em: <http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/goldvarb.html>. Acesso em: 20 maio 2024.

SANTOS, A. A. S. *O uso dos pronomes nós e a gente na escrita de alunos do ensino fundamental II da zona rural de Itaibó*. 2015. 116 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) –, Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, 2015. Disponível em: <http://www.biblioteca.uesc.br/biblioteca>. Acesso em: 15 maio 2024.

SCHERRE, M. M. P.; NARO, A. J.; YACOVENCO, L. C. Nós e a gente em quatro amostras do Português Brasileiro: revisitando a escala da saliência fônica. *Revista Diadorim*, [s.l.], v. 20, p. 428-457, 30 dez. 2018. Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas - PPGLEV. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/23285>. Acesso em: 26 jun. 2024.

SOUSA, L. C. *Arthur Reis e a História do Amazonas: um início em grande estilo*. 2009. 146 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2009. Disponível em: <https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/3739>. Acesso em: 15 jun. 2024.

SOUZA, K. P. F. A representação da 1ª pessoa do plural em cartas de autores não ilustres da sociedade carioca. In: BAALBAKI, A.; CARDOSO, J.; ARANTES, P.; BERNARDO, S. (Org.). *Linguagem: teoria, análise e aplicações*. Rio de Janeiro: UERJ / Programa de Pós-Graduação em Letras, 2015. p. 596-613. Disponível em: <http://www.pglettras.uerj.br/linguistica/linguagem08.html>. Acesso em: 29 jun. 2024.

VIANNA, J. B. S. *A concordância de nós e a gente em estruturas predicativas na fala e na escrita carioca*. 2006. 133 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

VITÓRIO, E. S. L. A. Variação nós e a gente na posição de sujeito na escrita escolar. *Letras & Letras*, [s.l.], p. 128-143, 29 dez. 2015. EDUFU – Editora da Universidade Federal de Uberlândia. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/letraseletras/article/view/31429>. Acesso em: 15 maio 2024.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1968].

